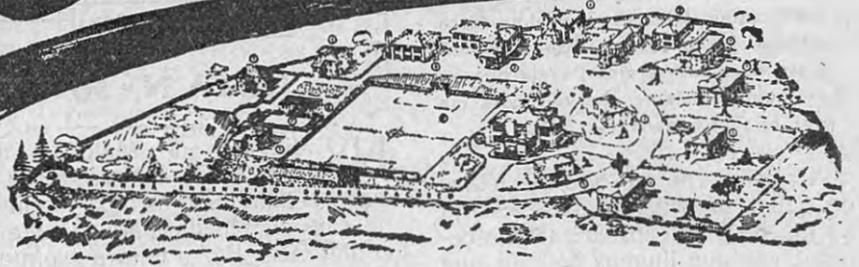




# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Porto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Porto

## HORAS AMENAS

### Uma carta

**É** aqui o sitio, mas não quero que seja a ocasião do clássico fundo, onde os mestres costumam falar de poleiro. Vai hoje um simples relato das coisas que aconteceram aquando da minha derradeira viagem à capital, que teve lugar na antevéspera da festa do Corpus Christi.

A primeira estopada, foi a noticia de não haver lugar no Rapido, e eu ter de seguir no correio da noite, levando todo o tempo em posição vertical. Sai de casa na tardinha do dia em que ceifamos o pão. Quanto me não custou despegar! Deixei os pequeninos ceifeiros no auge. O Carlos, berra lá de longe por mim: Olhe! Eram 4 canas de foguetes. O cozinheiro chefe a dar estes exemplos! Razão tem um sacerdote de algures, à frente de certa casa de educação, a quem foi ouvido: —fulano (sou eu) tem simplesmente de fugir de Portugal, quando for conhecido dele mesmo e do país, o grande fiasco da sua obra!

E é só sabe pelo que lê em «O Gaiato». Viesses o referido sacerdote estar uns dias, que seria tentado a fazer-me o mesmo que naquê tempo fizeram a João Bosco; procurar interna-lo num Rilha-Foles de Itália!

Pois cá vamos no comboio da noite. Vai uma inglesa. Vai um casal suíço. Vai um oficial do exército. Vai um senhor sem rotulo. Vou eu.—Uma pequenina arca de Noé.

A locomotiva chegou a Entre-Campos à tabelissima. Corri ao hotel, onde lavei a cara em duas águas, com sabãozinho da CUF. Oh tempos do Pear's Soap! No caminho, na Baixa, topei alguns das despaçadas gentes que vão para a cama ao nascer do sol—martires! Eu, porém, mais avisado comecei o dia em S. Domingos. Gosto daquela hora. Gosto daquela afluencia. Deliro poder dar o Senhor, à Missa, ao rebanho que ali vem, trazido pela voz do seu Pastor. São os humildes. São os pacíficos. São os ignorados... que o nosso Bom Deus conhece pelo nome! Gosto daquela hora.

Mal entrei no hotel, de regresso da igreja, fui entregue de um envelope com objectos de prata, um dito com

ditos de ouro, ainda outro com dinheiro—boas-vindas felizes. Desci à Arcada. A estopada do comboio mereceu que tudo me corresse muito bem, desta vez. O primeiro passo, foi no Ministério da Justiça. Sim. Tome conta do recluso, em liberdade vigiada. Deram-me trez o ano passado. Dois, trabalham e são muito felizes. Um, regressou. Não estou arrependido. Um dos salvos, logo que teve conhecimento de que eu, a tal hora, iria por êle à cela, não mais comeu. Mas só me foi possível ir 24 horas depois. Nada tinha comido! Trouxe-o. Sentei-o à mesa, em casa. Não pôde comer! Oh triste privilégio da pobre humanidade!

Poder um de nós entrar livremente e demorar, em sitios de tamanhos tormentos!

Aviado no da justiça, subi ao das Obras Publicas e Comunicações. Sim. Já dei ordem aos Serviços de Urbanização do Norte, para lhe prestarem assistencia técnica, dentro das possibilidades de que você dispõe. Dali, dirigi meus passos firmes à Educação Nacional. Sim, sim, sim. O derradeiro, foi o das Colónias. E' Ele o que tem mais terras, muitas por povoar! A janela do Gabinete está mesmo encostadinha ao Tejo e parece que diz à gente: olhe, é aqui que se embarca para Portugal!

Conversamos, à moda dos apaixonados. As descobertas, obra de apaixonados. Conquistas, obra de apaixonados. Colonizar, da mesma sorte. As paixões equilibradas são construtivas.

Sim, padre. Uma aldeia de Colonos em Angola! A ideia, é a obra em potencia, a qual obra se vai, depois, desenrolando, com todas as dificuldades que lhe são dadas. E' está a nossa maneira de operar. Somos seres creados. O Creador, não é assim. A ideia é a obra.

Estas considerações são, na verdade, um bocadinho intrincadas, absolutamente fora do alcance dos nossos rapazes, que são leitores rentes de «O Gaiato».

Mas eu quero vêr se me livro da fama com que sai dos bancos da escola, a saber; não saber nada. Ora aqui é que está.

Sobraram umas horas duplamente deliciosas, pela beleza da cidade e beleza do sol que a banha. Não sei se os Lisboaetas já deram fé desta

beleza! Foi então que me ocupei de outros assuntos.

O Zé Ninguem de Lisboa, fiel à sua promessa, veio-me procurar e fomos de levada pelas lojas da especialidade, em cata de um crucifixo para o altar da nossa capela. A vida dos museus em Portugal é, ainda hoje, feita da arte dos conventos. Os homens que decretaram a sua extinção, não estavam preparados para receber o que lá estava dentro, dai o tremendo jogo do rapa e tira e deixa e põe; que são as quatro operações pelas quais tem passado a aluvião daquelas preciosidades!

O crucifixo é de marfim e o madeiro de pau santo. A quantos mortais não terá Ele falado, naquela posição?!

Custou mil e quinhentos escudos, mas o Zé Ninguem, afinal, é Alguem. Ele ia preparado para me dar uma peça no valor de oito contos. Depois, queria que eu trouxesse uma outra por trez. E' por ultimo, ficamos nesta.

Como tivesse ainda umas lascas de tempo e este é dinheiro, fui às Avenidas novas visitar uma Família.

—Está sim senhor, disse-me a creada, e mandou entrar.

Muita efusão. Falamos das coisas mais intimas, mais nossas. Era num lar de família, cuja esposa é muito mais amiga do seu marido do que de si mesma, que esta é a medida do verdadeiro amor conjugal. A' hora da despedida, houve um afectuoso tome lá, sendo 200\$ pagamento de «O Gaiato» e 2.000\$00 para juntar a tantos outros mil, da mesma casa.

Ele há gente de fortuna que tem a sua consciencia muito bem formada, quanto à responsabilidade de a possuir. Não são todos os afortunados e, até, por mal dos nossos pecados, são muito poucos. Mas é tal o Bem que daí promana, que faz frente aos estragos nas almas, causados pela Avareza. Quem assim dá para uma obra, é sinal evidente que dá para muitas outras, muitas vezes. Não é por medo de perder o freguez, que não dou aqui o numero da porta. E' que estes senhores são tão perfeitos no dar, que não querem que se saiba. E' só por isso.

E assim dei por terminado o dia.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Sou estudante. Genho 16 anos. Genho seguido a obra com todo o interesse da alma. Genho vibrado com ela. Genho chorado por vezes.

Como rapaz, desejava que todos os rapazes como eu conhecessem a «Obra dos rapazes, pelos rapazes, para rapazes».

Desejava que a pouco e pouco sentissem desanuviar-se-lhe o pesadelo das sombras da ignorância que todos manifestam em face de si próprios, em face dos rapazes que como êles «fazem parte da mesma Sociedade. Gostava de os ver diminuir distancias...»

Por isso tomo a liberdade de, com o máximo empenho, pedir que me enviasses a colecção completa de «O Gaiato». Ele virá completar, juntamente com o «Pão dos Pobres» os efeitos benéficos da obra neste cantinho azul do Algarve.

E' de Faro. Ali pertinho, o irmão do Infante santo viu o Império português. Este môço de 16 anos, sonha um mundo melhor: gostava de vêr diminuir distancias.

Sim, meu Rapaz. Oxalá estes moços sejam o futuro. E' precisamente no respeitar distancias que elas podem e devem ser diminuidas. Mais respeito e menos ufanias. Não vamos passar a rasoira pelos homens e fazê-los todos iguais; essas doutrinas são baldes de papel — ardem. Respeitar as categorias é maneira cristã de aproximar os homens uns dos outros.

Nunca os olhos disseram aos pés que não necessitavam dêles. A diversidade de membros no nosso corpo, supõe unidade. E, até, os membros que são mais fracos, parecem ser os mais necessários; e os menos nobres, aqueles que mais honramos. De tal maneira aproximados, que se algum padece, todos acodem por simpatia.

Quando andava pelos hospitais, gostava de ir pela enfermaria dos amputados, só para ver a dôr dos membros sobreviventes! Braços a chorar mãos! Mãos a chorar dedos!

Ora a Humanidade redimida, forma um todo com o seu Redentor. Daqui a nossa coesão moral. Somos membros de um mesmo corpo. Esta doutrina não é dos codigos sociais; vem, sim, de uma revelação divina.

Mas nós temos feito um cristianismosinho muito à nossa

Artista

### Excertos de uma outra carta

"Sou um sacerdote alentejano e pároco no Alentejo. Sinto dentro de mim o chamamento a uma vida íntegra de sacerdote. Escrevo em dia de Pentecostes, arrastado por uma força interior. Se o senhor Bispo dispensasse os meus serviços, creia que eu era suficientemente "parvo" para me pôr às suas ordens".

A carta é enorme. São três fôlhas de papel, ou ela não fôsse escrita no dia de Pentecostes! (Apareceram como que línguas de fogo, que se dividiam umas das outras e poissavam sôbre cada um dêles, (os apóstolos) começando a falar várias línguas, como o Espírito Santo lhes concedia que falassem). Era assim naquêle tempo. E' assim hoje:— *Escrevo arrastado por uma força interior.* Eu poderia transcrever mais cartas, muitas cartas de leitores de *O Gaiato*, que são outros tantos Nicodemus, com mêdo de encontrar o que procuram!... Podiam, sim. Dizem os homens do deserto, que a sêde é mais difícil de sofrer do que a fome. Que dizes dos que estão ao pé da fonte e morrem de sêde!

Que o Espírito Santo responda a todos quantos me escrevem, uma vez que eu não tenho tempo de o fazer. Não tenho quem me ajude. Um dos meus *secretários*, entornou há dias um tinteiro de tinta sôbre o meu livro de notas! Um outro, escangalhou-me a máquina de escrever! A minha gente é tôda assim, por enquanto.

### PARA LER

A todos quantos visitam as nossas Casas de Miranda ou Paço-de-Sousa, em grupos ou singulares, quer sejam pobres quer ricos, letrados ou não— desde que saibam a carreira do A, assinem «O Gaiato». Deixem o nome na «redacção».

Já há sete mil pessoas na nossa terra, que todos os quinze dias, esfregam as mãos de contentes, à chegada do carteiro. Trez vêzes aquêle numero e temos o pão garantido, sem passar pela vergonha de o pedir cara-a-cara. Ora vamos lá, senhores.

moda. Há por aí muitos olhos ufanos, a proclamar que não precisam dos pés para coisa nenhuma. Estas distâncias, são as que trazem doenças ao corpo, — e que doenças!

Apesar do muito que se faz e do muito que se diz, ainda há neste dia muita gente que se afasta dos *bastardos*. São ainda poucos os que compreendem. Infelizmente observa-se que muitos senhores e muitas senhoras de sociedade, pela falta de respeito e de humildade com que se aproximam, afastam. Irritam. Revoltam. O que tenho ouvido da boca dos *indesejáveis* não é para dizer a ninguém, muito menos escrever no *Gaiato*! Mas é por mal que o fazem? Não senhor. Mas são más as pessoas que o fazem. Não senhor; são ótimas. Então?! E' o *crisismo* posto em prática.

Nestas mal notadas regras, meu querido jovem, vai a resposta à sua carta. Se Jesus um dia o chamar para subir mais alto, não olhe para trás, como fez o do Evangelho; vá, que topa um tesoiro.

## NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

por João Carlos

### ACTA N.º 50

NO dia três de Maio de mil nove-centos e quarenta e cinco, reuniram-se os doze meninos na sala de família, para fazerem a conferência. Fêz a leitura espiritual pelo livro do Pão dos Pobres. Falava que o Senhor Padre Américo tinha recebido um passe nos combóios e por isso ia muitas vezes a Lisboa mas não era o combóio que o levava era o amor pelos garotos da Casa de Repouso. Depois lemos um pouco do manual da sociedade que foi a respeito das festas da conferência.

No dia seguinte fazia um ano que a conferência foi fundada na nossa casa e por isso todos os meninos prometeram ir muito cedo à capela rezar pelos nossos benfeitores e pelos nossos pobres; assim fizemos. Ao meio-dia fomos levar-lhes as esmolas onde demos tudo quanto tínhamos em géneros e em dinheiro. Em dinheiro coube a cada pobre 16\$20 e em géneros coube dois quilos de batatas incluindo os remédios que demos a dois dos nossos pobres que estão doentes. Distribuímos durante o ano mais de 2.200\$00 e muitas peças de roupa que nos deram. Foi muito o que nos deram e por isso pedimos muito a Deus pelos benfeitores. No fim da conferência o tesoureiro fêz a colecta que com algumas cotas de subscritores rendeu 53\$20, tudo isto foi também distribuído. Ficámos sem dinheiro e sem nada para darmos aos nossos pobres mas Deus se encarregará de nos mandar o que nós precisamos.

Ficaram encarregados do velhito das Miãs o Pôrto, o Adriano e o Joaquim. Da Estação o João o Albino e o Cête. Do Carapinhal o Bernardino, o Piolho e o Fontes. Do Vale Salgueiros, o Lisboa o Zé Maria e o Tónio.

Presidente, José Maria Baltazar  
Secretário, João Maria Freitas  
Tesoureiro, Carlos Veloso da Rocha

III

HÁ tempos fomos dar um passeio à Sênhora da Piedade de Miranda. Fomos ao cimo do monte onde nasce um rio que desce pela serra abaixo de cascata em cascata. Tirámos o retrato ao pé de algumas. Ao fundo entre duas serras uma capela muito antiga rodeada de um rio que tem moinhos muito engraçados. Há também boas sombras de castanheiros muito velhos com muitas tocas por dentro e o chilrear dos pássaros. Tem uma vista majestosa onde se deslumbra todo o horizonte. E' um sítio delicioso. E' lá que estão as casas que vão servir para as colónias de férias dêste ano. Já anda lá um carpinteiro arranjà las.

III

AS obras na nossa mina já estão acabadas. Dá 50 litros de água por minuto.

Os pobres ficaram contentes porque o que é nosso é dêles.

III

HÁ tempos que já andamos a fazer uma estrumeira. Andam lá dois pedreiros a fazê-la. Está situada no olival. Há-de ser maior

## Um postal

«Estimo que este postal te encontre de saude em companhia de teus companheiros. Tenho comprado varias vezes «O Gaiato» para vêr se lá vinha os teu nome, lembrando-me eu que viesse lá os teus anos; que o fizestes no dia 7 do corrente, vi o retrato dos cozinheiros mas porque vejo não és cozinheiro, no outro numero a sair eide-o comprar novamente.

Dá muitos cumprimentos ao Snr. Padre Américo e tu recebe muitos bejos de tua mãe muito amiga».

Fala-se para aí tanto em democracias,—pois aqui temos um jornal democrata. O povo, os humildes, a quererem saber dos humildes. O seu filho não é cozinheiro; tem certos dias de limpeza nas ruas. Certos dias de limpeza nos dormitórios. Todos, escola. Come bem. Brinca muito e manda-lhe aquit muitas saudades. Faça por merecer o seu filho!

## Visitantes

Em numero de uns trezentos e tal, por comboio e camionete, estiveram em Paço-de-Sousa, num domingo de sol, a comer seus merendeiros na nossa mata. Foi uma excursão, muito bem organizada, por alguns da *Ala dos Namorados*, que no dia 10 de Dezembro do ano que findou, me acompanharam desde as 10 da manhã à meia noite, nas *charlas* dos postos emissores do Pôrto. Então foi dito aos Visitantes o que era a Casa do Gaiato e hoje, vieram eles ver o que é.

A' saída do santuário, estava um cesto, onde todos deixaram suas oferendas, consoante a devoção de cada um. Os Gaiatos agradecem.

que a outra. As paredes já emergem. O Sérgio e o Arlindo é que têm ido à pedreira buscar pedra para lá. E' o Sérgio que anda com o boi, coisa que êle gosta muito. Tem trabalhado bastante

O Caréquita já mudou de obrigação. Era ajudante das camaratas mas não fazia nada. Agora é ajudante do padeiro—o Despacho—e tem muito geito. Anda sempre muito contente porque tem cumprido bem o seu dever. Diz que já sabe amassar o pão e cozer massa. Mas anda sempre muito sujo. Mal veste uma blusa, daí a bocado já está da côr do carvão. A's vezes até traz o nariz pintado de carvão.

No domingo fartou-se de chorar por se ter picado num pé. Não quis comer. Quando às vezes não quer trabalhar o Venâncio toca-o e no outro dia estava a gritar: ai que me mancaram!

O Rui andava-nos sempre a pedir que queria ir vêr o pai que está na cama. O Senhor Padre Adriano deu ordem que sim e êle foi hoje de manhã mais o Lisboa a Coimbra e logo à tarde vai então ver o pai de que êle gosta tanto. Quando veio para cá tinha 7 mêses e agora tem 4 anos é muito engraçado.

## Noticias Diversas

CHEGOU à nossa porta mais um. Já cá tinha estado, a pedir ao Tiroliro que lhe abrisse, e a contar a história de que uma senhora de Gaia o mandara cá vir ter, mas a gente mandou-o pelo mesmo caminho, com receio de abusos. Porém, desta feita, apresenta-se na companhia da avó e o caso foi mais sério. Vinham do Alto Douro. Ela trazia laranjas numa saqueta, finíssimas, e deu-me duas para eu comer. Contou a história do neto. *Ninguém o segura em casa, meu senhor! Eu não tenho forças nem êle me tem amor.* Se as lágrimas de Mãe são terríveis, as de Avó ninguém resiste. O vadio trazia a carne ao ol. Depois de lavado o vestido, foi entregue aos cuidados do Veiga e do Zé Maria, profissionais da vadiagem, reincidentes de fugas, os quais pagaram por alto preço a sua readmissão. Eles são mestres qualificados.

NOVA balburdia: O Celorico apanhou outro coelbo na mata! Daí a nada passo pela cozinha. *Ora venha ver.* Era o Carlos que me quis mostrar. Lá estava a caçoila sôbre o fogão. *E' para os do campo.* Mas então aqui em casa não há quem mande? Gasta-se assim azeite e cebôla o tempo o lenha, e os meninos fazem o que muito bem lhes dá na gana? Onde está a ordem? Onde a disciplina? Onde os educadores?

Tudo isto está precisamente naquilo que acabo de relatar.

Um caso: Apareceu aqui há tempos um homem bem apresentado, maneiras muito decentes, a perguntar pelo *compadre-Chegadinho*, Era o Pai do rapaz. Conversamos e quando eu lhe disse que êle tinha de o levar para a sua companhia, por ser, felizmente, pai idôneo, êle contou-me a história do filho. Não é capaz de o segurar em casa. Foge e anda por lá.

Como o *Chegadinho*, são quasi todos os que temos. Quem os segura? Ai tens a prova rial das contas que acima fiz. Seguram-se êles nestas pequeninas «desordens», tão idênticas a si mesmo.

Pois êle não é verdade que a criança é, por natureza, uma pequenina desordem?!

CHEGOU da Casa do Pôrto o Machado, onde fôra fazer um estágio de cura da tinda. Apareceu com um objecto e disse-me que a senhora lho tinha dado. Acreditei. Dias depois, vêem Júlio e Luciano e contam a verdade. O objecto tinha sido arripiado ao Licínio.

A' noite, houve capítulo. —Conta a história, rapaz, e diz a verdade, que estão aqui testemunhas. Oitenta crianças esperam, em silêncio. A atmosfera esmaga. O delinquente tem os olhos no chão.

—Fala, Machado!  
—Tirei ao Licínio. Aquêle tirei não me agrada. Quero uma palavra que castigue, que envergonhe.

—Fala rapaz, não digas tirei. Diz outra palavra que tu sabes muito bem.

Nova pausa. A tropa continua suspensa. Querem escutar a sentença que o próprio réu se vai dar.

—Fala, Machado.  
—Roubei.  
—Roubei.  
—Roubei.  
—Mais alto.  
—Roubei.

Meus senhores, êstes processos nascem no coração da gente, como a água nasce das fontes.

Achei êste garoto em Viana do Castelo, cheio de vícios e de tinda;—tesouro que ora se revelou. Quantos não irá êle curar, naquele remédio amargo que publicamente tomou—*Roubei!*

## Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Êle se lamenta.

Aquire hoje o livro.

Unde-se nas Livrarias do País.

## O

O to os cinco social d não ter a ter, i que se a gente quanto gas do vamos ao seu mortel tostão confia. tem, ju Armas ...cont andar a Eu j êste m mente i os garô pregunt aqui à o Amoi tem de E' prec a morr para se tice de deixa v ruas. A formam Temc pedinch uma ex caneca à fonte.

—To —Nã —Me —Vê

Não produzi ouvir c quella c presenç teria si

Temc necessid na form

—An —Ma Que vai nest Não

o tal ó pirilamp como di vejo ma irradiã não can tolos v Tabor—

60 co

Manhã pelos g Daí a produz gados mado falta d —me na um pa que pc arranjo

Dorn aldeia muito da Ca: fui long vezes passag: senhor rilhar c viço de ordens apêtime. Cheg um e pasta. pregunt pansão

# O tostãozinho ASSINATURAS PAGAS

# O tinhasa

O tostãozinho de agora, bem como os cinco reisinhos de ontem, são o mal social de todos os tempos. A criança não tem capacidade de pedir, por não a ter, igualmente, de aplicar esmolas que se lhe confiam. E' costume de toda a gente ter muito receio e fazer tudo quanto em si está, por acautelar crianças do perigo das armas de fogo, e vamos colocar nas suas próprias mãos, ao seu inteiro dispôr, o perigo de morte! Não é, evidentemente, aquêlê tostãozinho que naquela hora se lhes confia. São outros que o garôto já tem, juntos a outros que vai recebendo. Armas que o farrapão descarrega... contra a sociedade que o deixa andar a pedir!

Eu poderia denunciar aqui o mal, êste mal, com histórias verdadeiramente interessantes. Tudo quanto êles, os garôtos da rua, sabem esconder às perguntas da força armada, revelam aqui à gente, por outra força maior — o Amor! Mas falta espaço. O jornal tem de ser pequenino para ser bom. E' preciso que o leitor coma e fique a morrer por mais. Basta um caso, para se ficar a saber da nossa pedantice de gente civilizada, tanta que não deixa ver os valores que perdemos nas ruas. Antes os perdessemos, mas transformam-se em inimigos o que é pior!

Temos cá um pequenino que foi da pedincha. Todos o foram. Houve uma excursão. Alguem pede-lhe uma caneca de água e o garôto vai por ela à fonte.

- Toma lá.
- Não posso aceitar.
- Mas ninguém vê.
- Vê Deus!

Não sei qual teria sido a reacção produzida na alma daquele senhor, ao ouvir com tanta firmeza da bôca daquela criança das ruas, o dogma da presença de Deus. Nenhum teologo teria sido mais eloquente.

Te nos aqui, também, uma tésê da necessidade de convicções religiosas, na formação de caracter.

- Anda, que o P.º Américo não vê.
- Mas vê Deus!

Que mundo de ensinamentos não vai neste simples enunciado!

Não sei verdadeiramente onde está o tal ópio da religião, nem vejo o pirilampo de onde ela possa sair como dizem os letrados. Os trelidos. Eu vejo mas é aqui tanta luz. Esta obra irradia tanta luz, tanta e tal que me não canso de vêr nela o que os apóstolos viram, depois das nuvens do Tabor—Jesus.

## BORAS AMENAS

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

*Manhã seguinte, fui acordado pelos galos da Praça da Figueira. Daí a nada, todo importante, produzia o meu passe aos empregados da carruagem, tendo tomado assento no corredor, por falta de melhor lugar. Embrulhei-me na capa negra, contente como um passarinho, e fiz o melhor que pode ser, de tão incomodo arranjo.*

*Dormitei, a sonhar com uma aldeia de colonos em terras muito distantes, feita de rapazes da Casa do Gaiato..., mas não fui longe no sonho por ser muitas vezes acordado. O lugar era passagem forçada de senhores e senhoras que iam e vinham de rilhar as quatro series, que o serviço de restaurante colocava às ordens de quem tem dinheiro e apetite.*

*Cheguei a casa à noite. Vem um e rapa-me a capa. Outro, a pasta. Outro o guarda-chuva. São perguntas. São novidades. E' expansão.*

Maria Antónia Martins Ferreira, 25\$; Alzira Dinis da Fonseca, 20\$; Maria da Glória Santos, 12\$5; Maria Duarte Branquinho, 12\$5; Dr. Rui Henriques dos Santos, 20\$ Francisco Cândido da Silva, 20\$;—todos de Coimbra. Artur Amaral, Bengrela, 50\$; Tenente Luis Ferreira, 30\$; Eng. Augusto César Meirinhos, 30\$; José F. Montanha 24\$; Dr. António Augusto de Almeida, 100\$; Tenente Coronel Salvador Nunes Teixeira, 25\$; Manuel Miranda 50\$; António Augusto Pimparel, 25\$; Dr. Mário Costa, 25\$; Manuel Garcia Velasco, 25\$; Manuel da Rocha Vasconcelos, 25\$; António F. Miranda Braga, 25\$; Lília do Nascimento Morais, 25\$; Augusto César Monteiro, 25\$; Francisco Falcão, 20\$; António José Faria 25\$; Dr. Manuel António Pires, 24\$; Luis Antonio Doutel, 25\$; António Emil o Rodrigues, 24\$; José António Guerra, 25\$; Luis Fernando Mamede, 25\$; Dr. António Augusto R. Cepêda 112 ano, 15\$; Dr. Luis António Rodrigues, 24\$; Dr. Valeriano Lopes, 24\$;—todos de Bragança. José de Carvalho, Lourinhã, 50\$; Maria Emília Pinto A. Mendes, Sertã, 12\$; Padre Joaquim Capela, Torres Vedras, 20\$; Maria Eugénia F. Lôbo, Carrazeda de Ansiães, 40\$; Ana Maria Proença, 15\$; Manuel João Mendonça, 20\$; Dr. Medeiros Galvão, 20\$; Maria José Cêrcas Gonçalves, 20\$; Manuel Nunes Gomes, 20\$; Maria de Brito Luz, 15\$; Uma assinante da mesma terra, 20\$; Catarina da Conceição Carrusca, 10\$;—todos de S. Braz de Alportel. Júlio Sarmento, Paredes, 20\$; Mapril de Paula, Bombarral, 20\$; Stella Carneiro Freire, (1944 45), Bombarral, 40\$; Maria Júlia de Ceuta Carvalho, Bombarral, 60\$; Lavinia Barreto Neves, Alcobaca, 30\$; Eufásia Mexia da Costa Praça, Montemor-o-Novo, 100\$; Maria Florentina da Costa Praça, Montemor-o-Novo, 100\$; Jaqueline Dinis, Montemor-o-Novo, 10\$; António Duarte, Estoril, 30\$; Arlindo Correia de Mesquita Guimarães, Fátima, 25\$; Luis Filipe de Araújo Fernandes, Fátima, 25\$; Horácio Barbosa, Espinho, 20\$; Francisca da Cunha Sotto Mayor, Monção, 50\$; Dr. Armando Ramos Fontainhas, Monção, 50\$; Mário Baptista Pereira, Vila N. de Ourém, 24\$; Maria Ester Pereira, Vila N. de Ourém, 50\$; Dr. Mário Grave, Castelo Branco, 100\$; Padre Luis Gonzaga Leite da Costa, Tua, 20\$; António Goncha Soares, Porto de Moz, 20\$; Tito Manuel Pires, Pala, 25\$; Dr. José Victor Adragão, Vila Real de Santo António, 20\$; Manuel Farinha Portela, Vila de Rei, 50\$; Maria da Natividade de Matos e Silva, Vila de Rei, 50\$; Dr. Alonzo Vasques Vila Real de Santo António, 5\$; Maria Teresa de Carvalho Luzello Godinho Ribeiro Teles, Coruche, 4\$; Padre João Soares Cabeçadas, 24\$; Laurindo Ferreira Machado, 28\$; Nuno Lúcio Cordeiro, 123\$;—todos de Olivais. Maria Helena Antunes Barros, Riachos, 25\$; Maria de Jesus Fonseca Antunes, Leiria, 20\$. Maria Luísa Alcobaca Araújo, Condeixa-a-Nova, 40\$; Dr. Lino Cardoso de Oliveira, Cantanhede, 50\$; Américo Vieira da Silva, Espinhosa, 12\$; Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz, 25\$; Colégio das Misericórdias Ultramarinas, Roriz, 25\$; José Augusto Sousa, S. João da Madeira, 20\$00; Padre Manuel Rezende, 20\$00.

José Augusto Sousa, 20\$; Lídia Fernandes, 20\$; Dr. António Henriques, 5\$ 10\$;—todos de S. João da Madeira. Dr. A. Moreira da Cruz 60\$; Arlindo Monteiro Pinto, 250\$; Lopo Xavier & C.ª L.ª, 100\$; Joaquim Marcelino Fernandes Póvoas, 50\$; Joaquim Augusto Sarmento, 50\$; Eng.º Luis Vaz Pinto, 50\$; António Augusto Soares Leal, 25\$; Casa Piloto, 50\$; José Basto Henriques, 30\$; José Correia Pinto, 25\$; Afonso Rui Alves Pereira Cernadas, 25\$; Zulmira da Mota e Castro, 50\$; Livraria Tavares Martins, 30\$; Empregados da moagem e Panificação, 50\$; Bernardino Simões da Cunha Mendes, 20\$; Delfim Pinto da Costa, 20\$; Eduardo Alberto do Vale, 20\$; Fernando Aloisio Leão Andrade, 20\$; Fernando Joaquim da Silva, 20\$; Francisco de Almeida Serêio, 20\$; José da Costa Guimarães, 20\$; Maria Emilia dos Santos, 25\$; Cooperativa do Povo Portuense, 2\$; Fernando José Carteador Mena de Matos, 20\$; Brito & Rodrigues, Sucrs & C.ª, 20\$; Dr. Rui de Carvalho Maia, 20\$; António Soares Marinho, 40\$; Arlindo Coutinho Sousa, 50\$; António Bastos, 30\$; António Moreira, 30\$; G. Peres, L.ª, 50\$; Manuel Fonseca, 3\$; Gustavo d'Avila Peres, 30\$; António dos Santos Lima Jor, 30\$; Manuel Francisco Cavaco, 30\$; António de Sousa Menezes, 30\$; Abílio Fernandes da Costa Pinheiro 100\$; José de Oliveira Queiroz & C.ª, 100\$; Queiroz Nunes & Pinheiro, 100\$; Francisco António Nunes, 100\$; Carlos S. Cabral, 50\$; Luis Vieira, 30\$; José Pinheiro, 30\$; Joaquim Moreira da Silva, 50\$; Porfírio de Araújo, 50\$; Mário Pinto Bizarro, 30\$; António Cardoso de Freitas, 30\$; Fernando Esteves, 30\$; João Moreira Pinto, 30\$; Carlos Carneiro, 30\$; Edmundo Tinoco, 30\$; José Moreira Rodrigues, 30\$; Lenon Medina, 20\$; Hugo Guedes Pinto, 20\$; Hernani das Neves Braga, 20\$; António da Costa Moreira, 20\$; Maria da Conceição Dinis Carvalho, 20\$; Elvira da Conceição Lemos, 20\$; Antónia da Conceição P. Maia, 20\$; Beatriz Rosa Lemos Guimarães, 20\$; Elisa Ocrácia Ferreira da Silva, 20\$; João Emídio Aragão e Silva, 20\$; Manuel Pinto Bizarro, 50\$; António Guedes, 30\$; Emilia Angélica da Rocha, 20\$; Maria Luísa Maia, 20\$; Antonio Vilar Saraiva, 50\$; Alfredo Teixeira, 50\$; Carlos Augusto de Oliveira Faria, 30\$; Mário de Carvalho, 50\$; José Rêgo, 30\$; João Baptista da Silva, 25\$; Francisco de Paula Ferreira, 50\$; Licínio de Araújo, 50\$; Moagem Ceres, 50\$; João Figueiredo, 30\$; Arnaldo Figueiredo, 30\$; António Bernardo Carvalhais, 30\$; António Nicolau da Costa Maia, 30\$; António P. Magalhães, 30\$; Joaquim Lopes, 30\$; E. A. R. G., 25\$; João Ferreira Areal, 3\$; Manuel António Areal, 30\$; J. Monteiro de Lima, 20\$; Alfredo de Albuquerque, 5\$; Dr. Francisco Correia Pinto, 60\$; António Pinheiro Aragão, 25\$; Manuel Vieira Monteiro, 50\$;—Todos do Porto. Maria Engrácia Fernandes Pereira, de Cerva, 20\$; Agostinho Pereira Afonso, de Cerva, 20\$; Maria Engrácia Pereira Botelho, de Vila Real, 20\$; Maria da Conceição Pereira Gonçalves, de Arco de Baulhe, 20\$; Ana Joaquina Teixeira Pereira, de Arco de Baulhe, 20\$; Maria do Rosário de Carvalho, de Covas do Douro, 5\$; Maria da Anunciação Sobral C.ª, de Lamego, 50\$; Lucinda Emilia Teixeira C. S. Cálder, 2\$; Maria Manuela Padilha Simões Lopes, 25\$; Arménio António Carde, 25\$; Maria dos Santos Pinto, 25\$; Dr. Luis Providência, 50\$; Eng.º Donas Boto, 50\$; Judith Pereira Aguiar, 20\$—Todos de Coimbra. Inácia Ferreira da Costa, da Covilhã, 25\$; Manuel Godinho Senior, da Covilhã, 30\$; Celestino dos Santos, (1945-46), de Bruscos, 48\$; Maria de Jesus Ferreira Cildas Canedo, 20\$; Maria Luísa Monteiro, 10\$; Maria Anésia Barreiro Duque, 10\$—Todos de Braga. Um anónimo de Montemor-o-Novo, 120\$; Dr. Juiz Brandão, 25\$; Fernando de Sá Leão, 40\$00; Violeta O. Cardoso, 20\$; Vasco Dumont Vilares Barbosa, 30\$; Cândida Cunha Monteiro, 20\$; Guilherme Dumont Vilares Barbosa, 30\$;—Todos da Foz-do-Douro. Daniel Deligant, 100\$; Eugénio Martins Mendes, 24\$; Eng.º Herculano de Carvalho 50\$; Maria de Lourdes Valadas S. Félix, 30\$; Constança Passanha, 25\$; Professor Leão de Carvalho, 20\$; Adalina Patrício Franco, 25\$; Manuel da Silva Torrado 112 ano, 12\$; C. Teixeira Gomes, 50\$; Socied. de Gravatas, Arco, L.ª, 50\$; A Loureiro, L.ª, 50\$; Alves & Teixeira da Cunha, L.ª, 50\$; Trindade & Teixeira, L.ª, 50\$; Maria Lamas, 30\$;—Todos de Lisboa. Prícina Garcia dos Santos, da Louã, 30\$; Ana Vilhena, de Almeida, 30\$; Mariana Monteiro Sampaio, de Almeida, 30\$. António José Nunes Rangel, de Aveiro, 25\$; Austrelindo Dias Garcia, de Ovar, 20\$; Francisco de Assis Fernandes, de Mogadouro, 40\$; Dr. José Sampaio, de Monforte do Alentejo, 50\$; Maria Cecília Freitas Macedo, 5\$; Augusto Cunha Monteiro, 50\$; Manuel Cunha Guedes Pinto, 50\$;—Todos da Régua. Francisco de Sousa Graça, 30\$; Joaquim Correia, 30\$; Dr. Arnaldo de Sousa Pais, 30\$;—Todos de Macieira-Liz. João Pereira Bouçon, de Espinho, 20\$; Dr. Manuel Miranda, de Bragança, 100\$; Dr. Manuel de Sousa, de Tomar, 30\$; Padre Eurico Dias Nogueira, da Figueira-da-Foz, 25\$; Leonel Gonçalves Manso, 20\$; Menina Maria Amélia C. Pereira, 20\$; Menina Olinda Alves da Silva, 20\$;—Todos de Proença-a-Nova. Manuel Augusto de Jesus, de Ribeira de Pena, 20\$; Fernando Vieira Mendonça, de Silva Escura, 20\$; D. Ramon de Olazabal, da Praia-da-Granja, 30\$; Maria Margarida Soares P. Almeida, de Feira Nova, 20\$; Laura Cardoso, de Mancelos, 20\$; Adelino Dias Costa, de Avanca, 50\$; Padre Alvaro José Tavares, de Febras, 25\$; Dr. António Correia, de Monforte-da-Beira, 50\$; Menina Terezinha Filomena Abrantes Saraiva, de Odivelas, 25\$; Padre José Domingues Fernandes, de Alcácer-do-Sal, 185\$; Dr. António Leão, de Baltar, 100\$; Porfírio de Freitas Oliveira, de S. Mamede de Infesta, 20\$; António Nazaré Castro Costa Pinto, de Paredes, 20\$; João Pacheco Moreira Lobo, de Paredes, 20\$; José Leal, de Paredes, 20\$; Manuel Coelho de Meireles, de Lagoas, 20\$; Alexandre Schwab, de Aguas Santas, 20\$; Otio Schwab, de Aguas Santas, 20\$; António da Costa, Aguas Santas, 20\$; Altino Coelho, Maia, 2\$; Restauradores do Brasileiro, Maia, 20\$; Alberto Taborda, Ermezinde, 20\$; Miguel Soares, Caldas da Saúde, 30\$; Biblioteca do I. N. A., Caldas da Saúde, 20\$; Maria José Vilanova, Vila da Feira, 20\$; Pompílio Domingos Ferreira, Vilar do Paraíso, 20\$; Helena Nicolau Costa Maia, Vila N. de Gaia, 30\$; Jose Arsenio Nascimento Sousa, meio ano Vila N. de Gaia, 10\$; Francisco Sampaio Barbosa, Vila da Conde, 20\$; Manuel de Carvalho, Vilar do Pinheiro, 2\$; Dr. João Ferreira Guedes, Valdigem, 40\$; Maria Belli Pulido Vasquez O'rtiga, Barrancos, 50\$; Maria Clementina Albuquerque, Oliveira de Azemeis, 30\$; Aurea Botelho, Areosa, 25\$; Maria Alice Estolano Ribeiro, Monte Estoril, 100\$; Maria José Fernandes do Espírito Santo, Irivo, 50\$; José Simões Vaz Chão de Couce, 25\$; Narciso Silva, Bairro 50\$; Dr. Francisco Dias Sarreiro, Torres Vedras, 50\$; Helena Vieira de Sousa, Faveiros, 50\$; Maria Luísa de Castro Lopes, Cucujães, 20\$

Aquêlê vadiozito que nos apareceu a semana passada, como o Gaiato comunicou aos ávidos leitores, depois de ter sido despedido por causa do mal da tinha, veio de novo procurar a nossa porta. Tinha andado por calaboiços!

Foi então que eu falei com o Rio Tinto, outro dos do calaboiço, e concertamos em como êle havia de levar o rapaz a um especialista, dar a certeza do que se nos afigurava.

Diante da monstruosidade do calaboiço, tôdas as despesas, todos os trabalhos, tôdas as dores, tudo é nada!

Mais. Esta minha aflicção pela presença de crianças nos cárceres públicos, é uma afirmação da existência da alma. E' por ela que vem o mal às crianças, naquele lugar. E' por ela, a alma, que o mal que ali apontam, mais tarde se difunde.

E' ainda por ela, a alma, que tu, leitor indeseião, comesças a penetrar nestas verdades, compreender a minha aflicção, amar o que tens de mais precioso! Tudo na vida é perda, —tudo, se o não colocamos incondicionalmente ao serviço da alma.

De uma vez, dei fé de certo homem num acto muito difícil, praticado com dignidade e calma. Mais tarde perguntei-lhe como era possível, e dei-lhe o nome de mestre: — Diga, Mestre!

—Nada meu caro. Estas coisas, só por amor de Deus.

Sim. Estas coisas, conhecidas da alma do próprio, através da alma dos com quem se trata. Coisas pequeninas, que são monumentos de beleza, —só por amor de Deus.

E' êste Amor que falta no mundo. Tudo quanto agora se escuta nas Emissoras e se lê nas gazêtas e se discute nas praças e se comenta em família; tudo isso são mais nem menos do que maneiras diferentes de proclamar esta mesma verdade: falta no mundo o Amor de Deus!

## AMAR AS CRIANÇAS

TEMOS cá um pequenino que por muito tempo ignoramos quem êle fosse, até que há dias foi visto muito aflito, em altos berros, a fugir para ao pé dos companheiros. Que teria acontecido ao miúdo exclamei?! O pai dêle apareceu à portaria. O pequeno viu-o pelas grades, e desatou a fugir! Desci. Conversei. Era o pai. Que pai!

Agora sabemos quem êle é. E' aquêlê que de entre todos os companheiros, tem direito a ser mais e mais amado!

Temos um outro com cicatrizes fundas num braço, —beijca de um outro pai! Muito mais podêmos revelar, se não existisse a conveniência de calar.

Que vamos fazer agora meus senhores; apedrejar êstes pais? Não. Vamos amar estas crianças.

# O Ardina

Suplemento do «Gaiato», feito por ardinas, para os ardinas. gaiatos e... grandes! Na «Casa do Ardina» - Calçada da Glória, 33 - LISBOA.

## Vidas Ardinas...

Eu e o meu irmão estamos na «Casa do Ardina» há um mês e estamos muito contentes de termos vindo para cá, porque temos melhor vida, aliviámos o pai e mãe e aprendemos coisas boas.

Antes de vir para cá, passava os dias na rua a jogar à bola mais os outros rapazes e muitas vezes a gente partia vidros e era um sarilho, porque tínhamos de pagar os vidros a pouco e pouco e a mãe ralava-se toda porque tinha pouco dinheiro pois o pai estava doente e desempregado. Às vezes, até me dava tarefa por isso, mas eu já estava habituado a andar na rua e fugia sempre para lá. Duma vez, até tive de ir ao Toret por ter amandado a bola para a janela duma senhora que fez queixa de mim, mas só apanhei o susto porque me deixaram ir embora.

E assim vivia eu mais o meu irmão e era uma vida má, porque não fazia senão tolices, apanhava e não aprendia coisa nenhuma. E a «Casa do Ardina» só me tem feito bem.

Júlio Paiva—12 anos.

Antes de entrar para a «Casa do Ardina», a minha mãe ou o meu pai chamava-me e eu dizia que esperasse um bocado, e o meu pai tornava a chamar mas eu nunca mais ia e o meu pai dizia que eu era um malandro. Depois, disseram-me que havia a «Casa do Ardina» e eu pedi à Snr.<sup>a</sup> D. Maria Luíza e ela disse-me que eu entrava no dia 25 de Dezembro, que foi o dia de Natal. Agora, respeito quem é mais velho ou da minha idade, mas, às vezes, não me porto nada bem, e as senhoras e o senhor Silva e o senhor José ficam tristes de eu não me portar bem.

Na «Casa do Ardina» é que me ensinaram a ser educado, que é para ser um homem.

Domingos Marques—12 anos.

## Noticiário

**Grupo do Trabalho:** O Artur passou para este grupo, e vai bem. O Joaquim é muito amigo de ajudar; todos os dias ajuda o serviço do refeitório e só depois é que faz o dêle.

**Grupo da Caridade:** Entrou o Domingos para substituir o Porfírio que não fazia o trabalho como devia ser, e era um grande resmungão. Quem tem melhorado é o Carlos Diamantino, que faz o trabalho com mais cuidado e se porta melhor nas aulas. O Jaime tem a mania de fazer carêtas e tem de se corrigir disso!

**Grupo da Verdade:** Melhorou este grupo porque entraram dois novos: o Manuel Câmara e o Fernando Oliveira, que têm muito boa vontade. O Rui traz sempre o consultório médico (que é o seu trabalho) todo asseado e fica muito consumido quando lá entra o António mais outro qualquer para fazer curativos pois assim — diz êle — sujam-lhe tudo! Por vontade dêle, estava o consultório sempre muito fechado, para não se sujar, à laia de sala!...

**Grupo da Pureza:** Não tem havido mudanças neste grupo. O Fer-

# CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR JOSÉ EDUARDO

MUITOS amigos da Casa do Gaiato fizeram uma excursão no dia 3 de Junho que nos ficará sempre na lembrança, porque foi muito proveitosa para nós. Tivemos muitas esmolas em dinheiro. Muita gente deu para a casa alguma coisa que tinha sobrado. Deram: bolinhos de bacalhau, pasteis, fruta, pães com carne, queijo, etc. Algumas coisas destas foram para a nossa merenda, o resto guardou-se para outra vez. O vinho foi oferecido pela casa. Quem o andou a servir em canecas de cinco litros, foram: Eu, o Fernando, o Maximino, o Rio Tinto, o Luciano, o Mário e o Gari, e parece que mais ninguém. O senhor Padre Américo recomendou a todos para ninguém aceitar comida, dinheiro ou outra coisa qualquer. Vieram quasi todos da Casa do Pôrto. Veio o Júlio, o Luciano, o Zé Saltimbanco, o Rui, o Despacho, e o Licínio veio com o patrão dêle. Este anda a trabalhar na Camisolandia, fábrica de camisas. Vieram numas carruagens especiais, algumas pessoas vieram numa camioneta. Como não havia vasilhas para o vinho eu fui pedir emprestado um cântaro que levava quinze litros. Veio gente conhecida de muitos gaiatos. Quando a gente ia servir o vinho tudo nos oferecia dôces, bolachas, pães, mas a gente não aceitava, alguns aceitaram. O vinho era branco e tinto. Quasi toda a gente queria branco. Toda a gente nos perguntava como nos chamavamos e como era o nosso apelido.

O automóvel do senhor Cunha foi o primeiro a andar na Avenida.

Eu ia lá dentro quando êle ia a atravessar a avenida. Muito obrigado a êsses senhores.

«O GAIATO», foi visado pela Comissão de Censura

nando Lopes diz que não gosta de estar parado e anda sempre a pedir mais trabalho. Assim é que é! O Joãozinho é que está sempre tão desinquieto nas aulas que, muitas vezes, perde os pontos todos. E porque será que ele anda sempre com as calças a cair?... Se calhar, é de se remexer tanto...

Os quatro Chefes dos Grupos.

J. D. C. No domingo passado, reuniu-se a J. O. C. da «Casa do Ardina», e fizeram-se eleições. Ficou presidente Ilídio da Luz; vice-presidente António Pereira; secretário Alberto Martins e tesoureiro João Colaço. Fundou-se a «Conferencia de S. Vicente de Paulo», ficando o João Pereira encarregado de se ocupar dela. Estabelecemos que, todas as semanas, iremos a dois e dois, visitar os pobres; alguns, já nós visitávamos, mas outros, não. A todos os que lerem «O Ardina» pedimos que se interessem pela nossa «Conferencia» e nos ajudem, pois que do que mais precisamos é de boa vontade e zelo de todos nós e de ajuda por parte de todos.

Também organizámos mais uma coisa: foi juntar à J. O. C. a nossa secção desportiva, que ficou a cargo do Adelino.

○ presidente Ilídio da Luz

## Das coisas que aconteceram na ceifa do nosso centeio e do mais que neste capítulo se relata

Andavam uns zuns-zuns de que o centeio se ia cortar tal dia. De véspera, aguçaram-se as foicinhas, mais a curiosidade dos nossos. No dia seguinte, manhã fóra, alinhavam o Zé Maria de Cinfães, o Veiga dêsse mundo, o Celorico de Amarante, o Pepe, outro dêsse mundo, o Fernando de Freixo de Numão (Maioral interino), o Bartolo de Leiria, o Jacinto da Guarda, o Filipe do Seixal, o Daniel dêsse mundo, e o Claudino de Gaia.

O Rio Tinto, por mal dos pecados, teve de coser a borôa, mas despachou a tarefa, deixou o Chegadinho ao forno e compareceu de foicinha em punho.

A cântara de barro, dos oleiros de Barcelos, andava cá e lá, à cabeça do Daniel segundo.

Os vivas de tudo quanto viva, atroavam. A ceira amarelinha ia-se rendendo pouco a pouco, até cair toda no chão, feita em pão!

Tínhamos mandado buscar a Ríode-Moinhos, muito em segrêdo, uma duzia de foguetes dos de 4 esteiros.

Mas os segrêdos aqui em casa, são manteiga em focinho de cão. Decididamente, êstes rapazes não servem para baú de ninguém. Todos sabiam! Chegou a hora de os botar. Se não estoirassem os foguetes, estoiravam os ceifadores, tal a tensão que os apertava! Foi um delírio.

Notas: Os cozinheiros foram ovacionados pela malta, por terem feito jantar de festa.

O Fernando, foi curado no Banco, de uma cortadela de foicinha. O seu estado não inspira cuidados.

## Do que nos vem ter à CASA DO PORTO

Pouco. Muito pouco. Tirante 2 fardos de roupas e umas garrafas de óleo de fígado de bacalhau e 15 vassoiras, entre grandes e pequenas, e 30\$00 de estudantes da Faculdade de Ciências e uma cama de ferro, — mais nada.

Mas, em compensação temos muitas e valiosas visitas de Pobres. Podemos chamar à Sucursal do Pôrto a casa das lágrimas. Quais brilhantes e safiras, as lágrimas, mesmo quando falsas, são lindas! Que não teem sido, as últimas que temos visto, — nos olhos de velhinhas, cansadas, a pedirem abrigo para os seus netos.

Uma delas, declarou, até, de como o seu filho lhe lera o testamento à hora da morte: — *deixo o meu filho ao P.º Américo!* E ela veio cumprir.

Por causa destas heranças que nos veem ter à porta e ainda de outros achados que a gente topa nas ruas, quero aqui declarar a todos quantos me leem, que não podemos aceitar mais cartas de quem quer que seja. Nem respondemos a elas.

Deram-nos um cão. Deram-nos também uma galinha eboca e a gente compramos 3 ovos de pata, a seis escudos cada um, se faz favor, e animamo-la. Como temos um lago no quintal, é preciso que êle viva; daí o empenho nos patos.

Uma gabardine, uns sapatos de S. João da Madeira, um lençol e fronhas para almofadões, 20\$00 que deram ao Rui no Correio geral, 10\$00 que vieram entregar ao José para a casa, 5\$00 que também vieram entregar, um sofá de uma senhora do Pôrto, 20\$00 também uma senhora que mandou, uma medalha em ouro e um bocado de um cordão em ouro.

## DO QUE NÓS necessitamos

Mais mil escudos. Esta esmola tem sua história. Aqui há três anos, um senhor encontrou-me no Gerez e deu-me uma quantia igual aquela. O ano passado como não nos encontrassemos naquela Estancia, êle fez na mesma. Este ano sem esperanças de nos toparmos lá, procede da mesma sorte. Nunca se viu tanta fidelidade!

Mais 100\$ de Lisboa, tirado do meu vencimento. Mais 20\$. Mais outro tanto para os nossos Pobres. Mais 500\$; — com o encargo de uma Missa pelos Gaiatos. Mais 990\$ de «O Comércio do Porto». Mais de Lisboa um pacote de roupas usadas. Mais livros. Mais 20\$ de Oliv. de Azemeis. Mais 250\$ de um amigo de muito longe, por amor do derradeiro fundo — Crápula. Sim Senhor. Muito bem pago. Não sei bem a como é que os grandes diários pagam os fundos, mas acho que não é tanto. Mais uma cruz de oiro. Foi uma criada de servir, que veio aqui a casa pedir-me para eu tirar com um alicate a cruz, pendente de um cordão que trazia. — Oh! mulher, isso faz-lhe falta!

— E' Deus que dá tudo à gente! Mais de Lisboa objecto de prata e 50\$. Mais do Porto um pacote de roupas. Mais no Depósito uma navalha de barba e assentador. Agora por barba e cabelos, tenho a comunicar ao respeitável publico, que a nossa obra não é ainda perfeita neste sector; existe um bocadinho de desorganização. E' que os chefes, os que teem direito a meia cabeleira, recusam-se terminantemente a ir às mãos do Mário, o nosso pequenino barbeiro; *ch pá, vai aprender!* De onde nascem graves disputas. Mais uma bola. O nosso futuro campo de jogos, anda em construção, ocupa todos os dias, à hora do recreio, nada menos de três grupos, aquêle que mais pode berrar e discutir e atrapalhar. Mais um pacote de roupas usadas, que são a nossa riqueza. Quem dera mais. Não se compra nas lojas nada semelhante as que vem das vossas casas. Mais os 50\$ dos empregados da Vacuum. Mais 180\$ entregues aos nossos vendedores do jornal, para as despesas de estudo dos Gaiatos. A gente não faz doutores; tem-nos nas escolas do comércio e da indústria. Trabalham de dia, frequentam as aulas à noite. Só o trabalho salva esta sorte de gente, — mais nada. Mais 500\$ no Porto. Mais uma pulseira e um anel de oiro, de uma pecadora. Mais um par de arrecadas que pertenceram a uma santa. Mais 500\$ de Armindo Ferreira. Mais de Cinfães uns brincos de oiro.

Mais de algures, uns é com boa vontade que dou ao Senhor todo o oiro que tenho; afinal d'Ele era. Não há força nenhuma no mundo que estabeleça dentro de nós maior equilibrio, do que levar a convicção desta verdade ao ponto de a viver. Não sei se a pedra pelo seu tamanho, terá lugar no calice; mas o oiro tem.

Mais de Vila Real uma lata de alimento especial para o Fernandito de S. João da Madeira. Ele já saiu do regime das injeções de caldos de frango, e anda agora a caçar borholetas na nossa quinta, que também é remédio de vitaminas.

## Atenção, Matozinhos!

No dia 27 de Junho, à noite, espero ir ao Teatro Constantino Nery, em Matozinhos, dar um recado às gentes da progressiva vila.

Vamos a ver se me faço entender...